



VESTIR-SE PARA IR Á ESCOLA, UMA QUESTÃO DE MODA E DE GÊNERO?

Suélen Teixeira da Silva¹
Ana Paula Quevedo Peil²
Angela Dillmann Nunes Bicca³

Resumo

A implementação de uniformes nas escolas da rede Municipal de Ensino de Pelotas, no ano de 2014, instigou-nos a compreender o entrelaçamento da vestimenta escolar com moda e com gênero. A partir dos Estudos Culturais de vertente pós-estruturalista articulados ao campo da Educação realizamos observações livres da distribuição de uniformes, gerando um caderno cujas anotações, analisadas a partir da noção de representação cultural, indicou que moda tem importante ligação com gênero em cada tempo e lugar, funcionando como uma instância reguladora e produtora de feminilidades e de masculinidades. Essa regulação/produção perpassa a vestimenta escolar levando alunos/as a dialogarem com preceitos da moda e com o que vestem alguns ícones midiáticos para criar um visual escolar generificado.

Palavras-chave: Uniformes Escolares, Gênero, Moda

Para pensar o uniforme escolar como vestimenta implicada com moda e com gênero

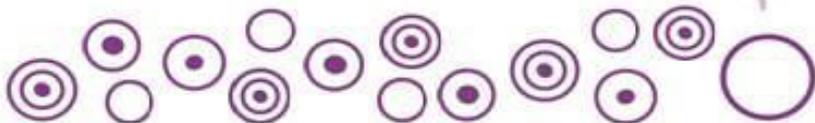
A moda comporia uma característica da modernidade, conforme Lipovetsky (2009), porque possibilitou a escolha entre variados tipos de roupas, a negação do velho (ultrapassado) em busca da apropriação do novo bem como a marcação dos trajes como femininos ou como masculinos. A ruptura com os modos tradicionais de vestir implicou no abandono do uso da sobrecota longa e flutuante para homens e mulheres e instituiu uma diferença bem marcada entre os trajes tal como conhecermos hoje. Esse argumento mostra que a moda pode oferecer material para a construção de identidades de gênero à medida que ajuda a produzir o que somos.

Uma acepção sobre identidade bastante conhecida associa esse termo com a possibilidade de designar aquilo que a pessoa é, sua essência ou as suas características internas. No entanto, a produção de identidades pode ser analisada de forma diferente. Como explicou Silva (2000) a afirmação “sou brasileiro”, por exemplo, só é possível na medida em que existem outros seres humanos que não possuem a mesma característica, isto é, a

¹ Mestre em Educação – IFSUL - suelentxsilva@gmail.com.

² Mestre em Educação – IFSUL – anapaulapeil@gmail.com.

³ Doutora em Educação – IFSUL – angela.bicca@hotmail.com.





afirmação tem sentido porque podemos apontar que ele/a é italiano/a, ele/a é russo/a, enfim, que outras pessoas não são iguais ao que somos. Pode-se, portanto, compreender as identidades dos indivíduos como plurais, móveis e em constante elaboração.

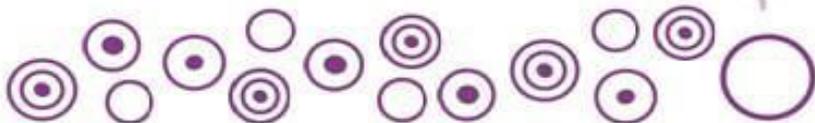
Isso indica que a identidade é sempre dependente da diferença. A identidade e a diferença são produzidas social e culturalmente e estão associados a relações de poder em função de que esse processo implica incluir e excluir. Por esse motivo Silva (2000) apontou que a identidade e a diferença não são, em nenhuma hipótese, inocentes. Marcar identidades e diferenças implica operações que separam as pessoas em grupos que não possuem o mesmo status. Isso ocorre, inclusive, quando binarismos tais como homem/mulher e heterossexual/homossexual são acionados para indicar identidades sexuais e de gênero. Os polos dos binarismos não recebem, na operação que os divide e diferencia, a mesma valorização. Dessa forma, questionar a identidade e a diferença significa problematizar as operações de poder implicadas na sua produção.

Cabe considerar aqui que o conceito de gênero contribuiu para mostrar que o é considerado masculino ou feminino em cada sociedade está implicado em processos que são sociais, culturais, históricos e linguísticos. Segundo Felipe e Guizzo (2003) o conceito de gênero surgiu para questionar a compreensão de que existiria alguma forma de essência (masculina ou feminina) que seria natural e atribuída ao corpo das pessoas e, por isso, imutável. Assim, ao longo do século XX, as discussões sobre gênero passaram a argumentar que os

[...] modos pelos quais características femininas e masculinas são representadas como mais ou menos valorizadas, as formas pelas quais se reconhece e se distingue feminino de masculino, aquilo que se torna possível pensar e dizer sobre mulheres e homens que vai constituir, efetivamente, o que passa a ser definido e vivido como masculinidade e feminilidade, em uma dada cultura, em um determinado momento histórico (MEYER, 2010, p. 14).

Partindo dessas compreensões voltamo-nos a examinar, a partir dos Estudos Culturais articulados ao campo da Educação, com inspiração pós-estruturalista, os modos como o uso de uniformes escolares na Rede Municipal de Ensino da cidade de Pelotas estão implicados com articulações entre gênero e moda.

Na cidade de Pelotas a implementação de uniformes escolares na Rede Municipal de Ensino ocorreu a partir do “Projeto Boa Pinta – Uniforme Escolar”, com início no ano de 2014, que objetivou combater o *bullying*, oferecer mais segurança aos/às alunos/as, criar uma unidade estético-visual para os sujeitos escolares e constituir-se em um apoio para as famílias mais carentes. Com a implementação do projeto foram criados dois kits de peças para ser distribuídas gratuitamente nas escolas. O kit para meninas foi composto por duas camisetas,





uma cinza e outra que tem parte cinza e parte alaranjada, um short-saia, uma *legging*, um moletom e uma jaqueta. Para os meninos, o kit conteve duas camisetas com a mesma composição de cores das camisetas femininas, uma bermuda, uma calça, um moletom e uma jaqueta.

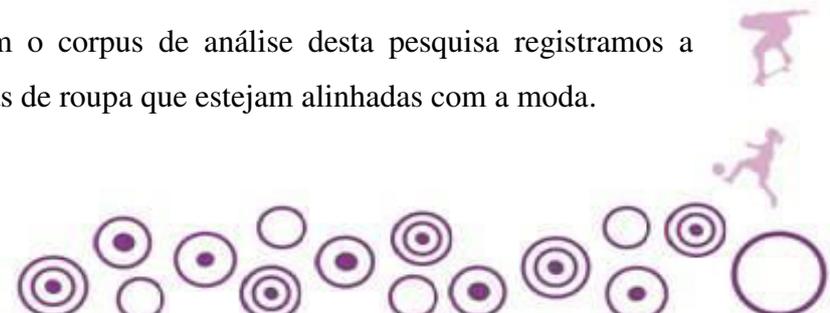
Na produção de dados para a pesquisa realizamos observações livres durante a entrega dos kits de uniformes para os/as alunos/as de uma escola da rede municipal de ensino da cidade de Pelotas que atende da pré-escola ao 8º ano do ensino fundamental nos turnos manhã e tarde e, no turno do vespertino, turmas de Educação de Jovens e Adultos.

Destacamos que a observação pressupõe a interação dos/as pesquisadores/as com os/as pesquisados/as para que o que foi vivenciado seja descrito de forma que possa integrar o *corpus* da pesquisa. Essas vivências foram registradas em um caderno de anotações que, como indicou Minayo (2009), não é um instrumento rígido de registros mas, isto sim, trata-se de um recurso que vai sendo elaborado à medida que a pesquisa acontece para que o máximo de detalhes sobre as situações observadas sejam anotados. Além disso, é importante ter claro que as observações e seus registros não são nunca atividades neutras, são ações permeadas pelo objetivo que a pesquisa possui. Dessa forma, considerando que há sim importante interação entre pesquisadores/as e sujeitos pesquisados, foi agendada uma reunião com a direção e com alguns/as professores/as da escola para apresentar a proposta de trabalho e obter apoio para seu desenvolvimento. Posteriormente foi solicitado aos responsáveis pelos/as alunos/as a autorização para a sua participação na pesquisa.

Essas anotações foram analisadas a partir da noção de representação cultural elaborada por Hall (1997) que diz respeito ao modo como linguagem atua na produção de significados, considerando a maneira pela qual os entes do mundo são constituídos discursivamente e estruturando a forma como algo é pensado bem como os modos como agimos a partir de tais formas de pensar. Trata-se de uma compreensão sobre representação que se afasta de qualquer busca de espelhamento do mundo ou descrição precisa e fiel das coisas. Dessa forma, a representação é compreendida como uma prática de produção de significados, uma prática que está implicada com relações de poder (FOUCAULT, 1995) que participa da constituição cultural e social das coisas e dos seres do mundo.

Meninos e meninas vestindo-se para ir à escola: entrelaçamentos entre gênero e moda

Nas observações que constituem o corpus de análise desta pesquisa registramos a preocupação das meninas em vestir peças de roupa que estejam alinhadas com a moda.





Várias estudantes comentavam que as peças poderiam ser ajustadas, especialmente as calças *legging*. Além disso, buscando tornar o uniforme escolar mais “*fashion*” e “diferenciado” mostravam interesse por customizar as camisetas do kit se isso fosse permitido. Outro ponto importante foi o desinteresse das alunas pelo moletom que consideraram muito largo e pelo *short* que comentaram ser de uma modelagem ultrapassada.

03/06/2015

Fonte: Caderno de anotações

Além disso, para favorecer o ajustamento das roupas ao corpo as meninas optaram, preferencialmente, pelos os tamanhos menores oferecidos no kit, diferentemente dos meninos. Eles optam por peças do uniforme que tenham os maiores tamanhos possíveis para que fiquem largos em seus corpos.

Os alunos optaram por peças do uniforme com tamanhos G e GG mesmo quando essas peças ficavam bem grandes para eles. Esses alunos escolherem as peças do kit do uniforme para que fiquem largas como outras peças de roupa que usam, em sua maioria no estilo *hip hop* e *funk*

27/05/2015

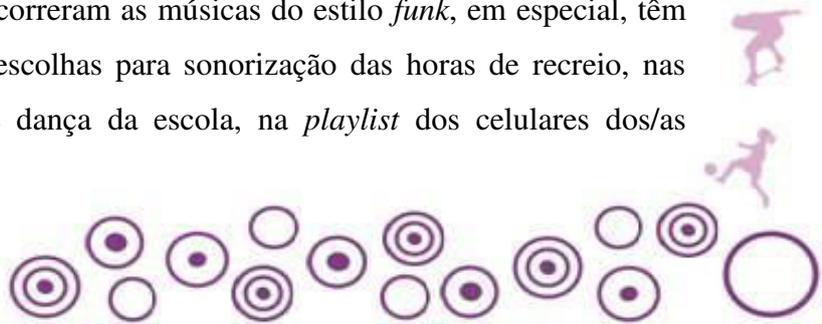
Fonte: Caderno de anotações

Dessa forma os meninos buscam não apenas peças do uniforme que lhes proporcione conforto, mas que se aproximam dos modos de vestir dos artistas e apreciadores do *hip hop* e do *funk*, tendências musicais que tem sido apreciada por esses mesmos estudantes.

Uma vestimenta pode ter elementos oriundos de um grupo cultural, como acontece quando a roupa da moda incorpora o estilo que identifica os/as apreciadores/as do *funk*, do *rock*, do *hip hop*, do *rap*, do sertanejo, entre outros. Como indicaram Marques e Rosa (2014, p. 6) muitas pessoas “[...] ao vestir determinada peça de vestuário e participar de todo um ritual de procura, consumo e reapropriação, fizesse parte de um sentido maior de pertencimento e identificação com um grupo e uma causa específica”.

Nessa perspectiva, as preferências dos/as alunos/as relativamente as vestimentas podem estar ligadas aos estilos musicais que apreciam. Situação que não apenas vem criando elementos para as roupas que as pessoas usam em diferentes ocasiões, mas que vem criando elementos para comporem uniformes escolares. Segundo Lonza (2005) nos anos que seguiram a Segunda Grande Guerra os uniformes escolares teriam passado a incorporar os tecidos sintéticos produzidos pela indústria nacional em expansão e teriam, também, recebido inspiração dos filmes da juventude americana e das roupas usadas por cantores/as de *rock*, trajes que acabaram criando o que hoje podemos referir como vestimenta colegial.

Na escola onde as observações ocorreram as músicas do estilo *funk*, em especial, têm predominado em eventos festivos, nas escolhas para sonorização das horas de recreio, nas apresentações realizadas pelo grupo de dança da escola, na *playlist* dos celulares dos/as





alunos/as, nas referências a pessoas famosas que os/as estudantes fazem em diferentes momentos e nas preferências que manifestam em relação ao que é disponibilizado na mídia comunicativa.

O uso de roupas muito largas tem sido recorrente entre músicos e apreciadores do *funk*. Como apontou Mizarahi (2007, p. 238), ao desenvolver um estudo etnográfico que abordou as relações entre roupa, corpo e dança de bailes *funk* do Rio de Janeiro, as vestimentas dos homens participantes desses bailes são compostas, na sua maioria, por “[...] bermuda larga, em tacetel ou microfibra, *t-shirt* de meia-malha de algodão calçam tênis”. Essas são roupas consideradas pelos/as funkeiros/as como apropriadas para ir a uma festa dançar e se distinguem dos trajés usados para trabalhar ou para comparecer a lugares que exigem grande formalidade além de se diferenciarem do que os/as funkeiros/as classificam como roupa feminina.

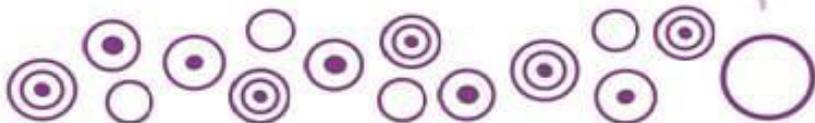
O uso de roupas largas, tênis de marcas conhecidas, correntes e relógios chamativos, como mostrou Freire (2012), tem sido recorrente, também, entre funkeiros que se inscrevem no chamado *Funk* Ostentação que surgiu em meados de 2011 e que tem importante influência dos *rappers* americanos. Esses funkeiros teriam, para comporem um visual criado para ostentar o luxo, criado um kit de roupas que inclui bermuda, camisa e tênis e como acessórios anéis, colares, óculos escuros e boné. Pôde ser observada essa forma de se inserir na ostentação pelos alunos, como registramos em um dos momentos de entrega dos kits de uniforme.

Além das peças de roupas largas, os meninos usam colares e relógios que se assemelham aos usados por artistas dos estilos musicais já referidos. Neste caso, muitos desses objetos são falsificados pois o objetivo é que aludem aos itens luxo sem que, necessariamente, tenham um valor financeiro elevado. Mas que retratem a ostentação vivida pelos seus ídolos do *Funk*.

27/05/2015

Fonte: Caderno de anotações

A alusão à ostentação, neste caso, pode perfeitamente se valer de objetos são idênticos aos itens de luxo, objetos que são usados pelo que simbolizam e não pelo valor financeiro que efetivamente possuam. Eles valem pelo brilho, pelas cores, pelas formas, pelo estilo e pela referência a marcas, muitas vezes, mundialmente famosas pela pesada publicidade que pode acionar. Dessa forma, pode-se dizer que a moda do século XXI, fortemente pautada pela lógica globalizada em torno do consumo, tem parcela significativa nas mudanças que ocorreram no vestuário criado para ir à escola.



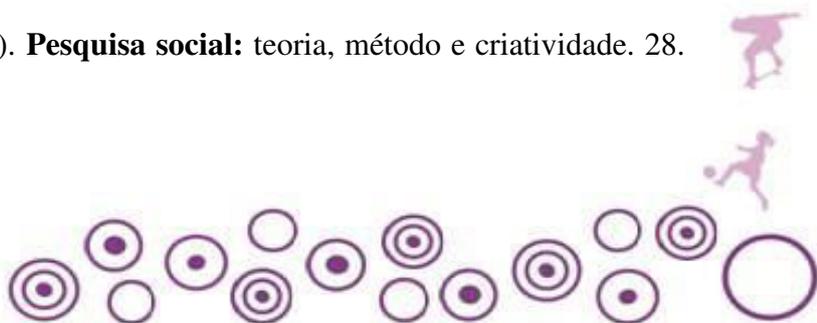


É interessante pontuar que o conjunto de peças do uniforme escolar disponibilizados para os/as estudantes da rede Municipal de Ensino de Pelotas é denominada como um kit assim como o conjunto de roupas e acessórios que os/as funkeiros/as adotam. Mesmo que essas peças de roupa não tenham sido criadas em consonância com algum estilo musical parece que os alunos o estão fazendo ao preferirem as peças da maior numeração possível. Mas os alunos, usando calças, bermudas e camisetas extremamente largas, não apenas aludem ao *funk*, eles marcam formas masculinas de vestir-se em contraposição a um vestuário feminino que, em geral, é bem mais ajustado ao corpo.

Cabe ponderar, entretanto, que essa diferenciação não deixa de constituir-se como forma de ordenar os corpos dos/as alunos/as ao manter as diferenciações de gênero. A divisão dos trajes escolares como masculinos ou femininos não deixa de favorecer elementos para que se produza uma ordenação dos indivíduos segundo uma classificação que atribui a cada estudante um “lugar” específico realizando, assim, uma forma uma coerção ininterrupta cujos desvios são facilmente identificados e, por isso mesmo, sujeitos a correção.

Referências

- FOUCAULT, Michel. O sujeito e o Poder. In: DREYFUS, Hubert L; Rabinow, Paul. **Michel Foucault uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231- 249.
- HALL, Stuart. **Representation: Cultural Representations and Signifying Produces**. London/Thousand/New Delhi: Sage/ Open University, 1997.
- LIPOVETSKY, Gilles. **O Império do Efêmero**. A moda e seu destino nas sociedades modernas. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.
- LONZA, Fúrio. **História do Uniforme Escolar no Brasil**. São Paulo: Ed. MEC. Brasília, 2005.
- MARQUES, Camila; ROSA, Rosane. *É rap, é roupa!* Consumo de moda *hip-hop* e formação identitária. In: Congresso Internacional de Comunicação e Consumo. COMUNICON, 2014, São Paulo. **Anais ...**. São Paulo, 2014.
- MEYER, Dagmar. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, Guacira; FELIPE, Jane; GOELLNER, Silvana (orgs.). **Corpo, gênero e sexualidade: Um debate contemporâneo**. Petrópolis: Vozes, 2010. p. 9-27.
- MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 28. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.





MIZRAHI, Mylene. Indumentária funk: a confrontação da alteridade colocando em diálogo o local e o cosmopolita. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 13, n. 28, p. 231-262, jul./dez. 2007.

SILVA, Tomaz Tadeu da. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, Tomaz Tadeu da. (Org). **Identidade e Diferença**. A perspectiva dos Estudos Culturais. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 73 – 102.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

